

3.2.1 - CANA-DE-AÇÚCAR

Recobrimo expressiva parcela do Litoral Norte (40,1%), a cana-de-açúcar é o padrão de uso do solo predominante nos municípios de Araçoiaba, Itaquitinga, Goiana, Igarassu e Itapissuma, onde ocupa, respectivamente, 77,1%, 75,7%, 52,6%, 35,6% e 34,3% da superfície municipal (quadro 07). No que se refere à distribuição, pelos municípios, da área total ocupada com cana-de-açúcar no Litoral Norte (TABELA 17), verifica-se que a parcela maior da área representativa desse padrão de uso do solo encontra-se no município de Goiana (47,5%), seguido, de longe, pelos municípios de Igarassu (19,3%), Itaquitinga (14,3%) e Araçoiaba (12,8%).

Espacialmente, a lavoura canavieira está concentrada na porção ocidental dos municípios acima mencionados, ora envolvendo ecossistemas naturais (remanescentes da Mata Atlântica e cobertura vegetal em recomposição) e áreas de silvicultura, ora circundando núcleos urbanos, áreas de policultura e áreas de granjas, fazendas e chácaras. Em alguns trechos dos municípios de Goiana e Itapissuma a área canavieira projeta-se para leste, confinando com o manguezal e com as áreas de predominância de coco-da-baía (mapa 02).

Cultivada em todas as formas de relevo, a lavoura canavieira ocupa topos e encostas de morros e tabuleiros, além de várzeas e terraços fluviais e de áreas com modelado suave (foto 19), recobrimo, portanto, desde superfícies planas ou com baixas declividades até encostas com declividade superior a 30%, onde ocorrem, com frequência, concentrações de nascentes (mapa 01).

Monopolizadora da ocupação do solo, a cana, em sua expansão, tem motivado a destruição de grande parte da cobertura florestal das várzeas e das encostas com altas declividades, apesar das restrições dessa última categoria de área ao uso agrícola, especialmente a culturas temporárias. Em consequência, a cobertura florestal, no subespaço canavieiro do Litoral Norte, restringe-se a alguns vales da porção central ou oriental dos municípios de Igarassu, Itaquitinga e Goiana, onde os remanescentes da Mata Atlântica apresentam-se, na maior parte, degradados ou substituídos por bambu (*Bambusa vulgaris*), sobretudo em Goiana e Itaquitinga (mapa 02).

TABELA 17 - ÁREA DOS PADRÕES DE USO E OCUPAÇÃO DO SOLO DO LITORAL NORTE, SEGUNDO OS MUNICÍPIOS

PADRÃO DE USO E OCUPAÇÃO DO SOLO	ÁREA POR MUNICÍPIO (EM PERCENTUAL)										TOTAL LITORAL NORTE
	Abreu e Lima	Araçoiaba	Goiana	Igarassu	Itamaracá	Itapissuma	Itaquitinga	Paulista			
Cana-de-açúcar	1,3	12,8	47,5	19,3	0,1	4,7	14,3	-	-	-	100
Policultura	28,2	3,4	24,3	21,8	1,8	6,5	9,9	4,1	-	-	100
Cana-Policultura	-	-	100	-	-	-	-	-	-	-	100
Coco-da-baía	-	-	32,5	29,3	16,8	21	-	0,4	-	-	100
Bambu	-	0,7	83,9	1,2	-	-	14,2	-	-	-	100
Aqüicultura	-	-	70	-	6,8	23,2	-	-	-	-	100
Granjas, Fazendas e Chácaras	8,1	0,2	16,4	52,9	10,2	5	-	7,2	-	-	100
Total da Agropecuária	5	8,8	41,1	24,3	2,7	5,9	10,7	1,5	10,7	1,5	100
Área Urbana Consolidada	10,2	1,4	14,2	10,7	12,1	1,5	0,9	49	-	-	100
Área de Expans. Urbana Planejada	5,7	-	23,3	14	6,9	1	-	49,1	-	-	100
Área de Expans. Urb. Espontânea	70,3	-	15,3	13,7	-	0,7	-	-	-	-	100
Bairro Rural + Vila Industrial	-	-	32,1	49,2	0,9	12,6	5,2	-	-	-	100
Distrito/Zona Industrial	32	-	-	2,4	-	25,5	-	40,1	-	-	100
Área Degradada por Mineração	-	-	68,8	1,5	-	3,7	-	26	-	-	100
Área de Solo Exposto	-	-	-	8,2	-	-	-	91,8	-	-	100
Total do Uso Urbano/Industrial	10,4	0,8	22	10,3	8,1	3,5	0,6	44,3	0,6	44,3	100
Remanescentes da Mata Atlântica	26,9	3,3	19,6	30,8	4,6	0,3	4,8	9,7	-	-	100
Cobertura Veg. em Recomposição	38,9	10,9	10,1	14,8	11,5	0,6	5,2	8	-	-	100
Manguezais + Pântanos Litorâneos+ Mananciais de Superfície	2,1	1	54,4	10,4	11,2	13,8	0,1	7	-	-	100
Total dos Ecossistemas Naturais	20,2	4	30,6	19,9	8,5	5,4	3,1	8,3	3,1	8,3	100
TOTAIS	10	6,7	36,3	21,8	4,9	5,5	7,6	7,2	7,6	7,2	100

FONTE: Mapa 02 Uso e Ocupação do Solo do Litoral Norte. Dezembro/2000.

O cultivo de bambu nas encostas com alta declividade (foto 20) vem sendo a alternativa utilizada pela Usina Santa Tereza com o duplo objetivo de substituir a cana nos terrenos onde essa cultura não pode ser mecanizada e de obter matéria-prima para produção de celulose destinada à unidade de produção de papel (Fábrica Portela) que o Grupo João Santos possui no município de Jaboatão dos Guararapes. A previsão da empresa, em junho de 1999, era atingir, até o ano 2002, quinze mil hectares de área cultivada com essa gramínea, em Goiana e Itaquitinga (Tavares, 1999). Além de envolver custos mais baixos com mão-de-obra que a cana-de-açúcar, “o bambu pode viver mais de 130 anos e seu primeiro corte ocorre quando ele chega aos três anos. (...) Sua produtividade fica entre 18 e 25 toneladas por hectare ano” (Ferraz apud Tavares, 1999).



FOTO 19 – Canavial ocupando a várzea e as encostas suaves dos tabuleiros adjacentes. No centro, à direita, a sede do Engenho Pedregulho (Rio Capibaribe Mirim, Goiana).



FOTO 20 – Cultivo de *bambu* em encostas com alta declividade e, de cana-de-açúcar, na várzea.

Tradicionalmente praticado em sistema de monocultura, o cultivo da cana-de-açúcar, na área, é realizado em grandes propriedades, a maior parte das quais pertencentes a quatro empresas – a Companhia Agroindustrial de Goiana (Usina Santa Tereza) e a Usina Nossa Senhora das Maravilhas (no município de Goiana), a Usina São José (no município de Igarassu) e a Usina Matary (no município de Nazaré da Mata), a segunda temporariamente paralisada e a última desativada, em consequência da crise que, desde o final dos anos oitenta, vem atingindo o setor sucroalcooleiro do Estado.

Praticado em solos predominantemente arenosos, nos tabuleiros e nos terraços litorâneos e em solos rasos e com afloramentos rochosos, nos terrenos cristalinos da extremidade ocidental da área, o cultivo da cana envolve o uso de correção do solo, adubação química, aplicação de herbicida, mecanização (nas áreas com topografia plana ou suave-ondulada) e irrigação (na fundação da cultura).

A produtividade média da cana é de 65-70 toneladas por hectare, nos solos melhores, caindo para 40 t/hectare, nos solos mais fracos e em época de estiagem prolongada (seca). Para efeito de comparação, cabe lembrar que, em 1995, a produtividade média da cana, no Estado de Pernambuco e na Mata Setentrional Pernambucana, era da ordem de, respectivamente, 49,5 e 53,1 toneladas por hectare (IBGE, 1995). A cana produzida no Litoral Norte destina-se ao fabrico de açúcar (refinado, cristal e demerara) e álcool (anidro e hidratado) pelas agroindústrias em funcionamento na área. A exemplo das demais áreas canavieiras do litoral pernambucano, o período de colheita e moagem da cana estende-se de agosto a fevereiro, época seca do ano.

A mão-de-obra utilizada no setor agrícola provém dos núcleos urbanos (cidades de Itaquitinga, Araçoiaba, Itapissuma, Goiana, Igarassu e Três Ladeiras), dos povoados e bairros rurais (Sapé, vila Botafogo, Alto do Céu, Sumaré e Vila Rural), das agrovilas (Engenho Campinas e outras) e das áreas de policultura (sítios de Carobé de Cima e assentamentos rurais – Engenhos Novo, Caiana, Gutiúba e Pituáçu, entre outros), localizados no interior e nas proximidades do segmento canavieiro em pauta.

O principal problema da área em questão está relacionado com a crise econômica do setor que, ao provocar o fechamento ou paralisação temporária de algumas usinas e a redução da produção de outras, agrava problemas sociais crônicos da atividade. Dentre os problemas da área, sobressaem: a) o crescente desemprego da força de trabalho dos núcleos urbanos e aglomerados rurais que têm na cana-de-açúcar a principal, se não a única, alternativa de emprego de sua população ativa; b) a elevada concentração fundiária aliada ao monopólio da terra pela cana, motivando a falta de área para cultivo de lavouras de subsistência e para expansão dos núcleos urbanos e dos aglomerados rurais cercados por canaviais; c) a baixa produtividade da cana; d) a devastação/degradação dos remanescentes da Mata Atlântica e a destruição da fauna característica desse ecossistema; e) a poluição do solo e dos recursos hídricos superficiais por herbicida e outros produtos químicos utilizados no cultivo da cana e por resíduos da agroindústria.

Em face dos problemas que vem atravessando, o padrão de uso e ocupação do solo em apreço, apresenta tendências a: a) diversificação da atividade agrícola dominante – a cana-de-açúcar – com pecuária de corte (foto 21) e inhamo, em alguns engenhos particulares; com silvicultura (especialmente bambu), nos engenhos da Usina Santa Tereza; e com soja (foto 22), árvores frutíferas (caju, goiaba, banana e cajá) e espécies madeireiras, nos engenhos da Usina São José (Jornal do Comércio, 16/07/2000); b) restrição do cultivo de cana às áreas planas (várzeas e tabuleiros) e com baixa declividade, que permitam o uso de mecanização e irrigação; c) investimento em pesquisa, visando a obtenção de variedades de cana mais produtivas e resistentes; d) modernização contínua do processo industrial com vistas à automatização total.



FOTO 21 – Pecuária de corte em área, antes ocupada com cana-de-açúcar (Engenho Itapirema de Cima, Itaquitanga).